

## VII Simpósio Nacional de História Cultural HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo - USP São Paulo - SP 10 e 14 de Novembro de 2014

# FANZINES PUNKS: A PRÁTICA ESCRITURÍSTICA DO RESSENTIMENTO

Heitor Matos\*

Desde seus possíveis começos na década de 70, o *punk* se constituiu como um movimento social de contestação na esfera do global, despertando as gerações mais contemporâneas para a reflexão sobre o que nos constitui enquanto indivíduos, dentro da seara política, social, econômica e cultural. O *punk* é compreendido como um grupo de estilo¹ e significa, para quem dele usufrui, "um conjunto de falas, imagens e sonoridades que carregam esse nome, e que são como que uma matéria para o pensamento de uma infinidade de indivíduos que constroem suas subjetividades em torno a esses signos"². Em suma, algo que sai do estético e parte para o comportamental. E nessa concepção, o modo como os sujeitos *punks* encaram construções sobre si, como a identidade, diz muito sobre um movimento que, insatisfeito e ressentido, tenta de toda maneira burlar os critérios. Essa mágoa profunda potencializa um processo de marcação simbólica, onde

<sup>\*</sup> Mestrando pelo programa de pós graduação em História do Brasil da Universidade federal do Piauí-UFPI; Bolsista CAPES. Atualmente desenvolve uma pesquisa acerca da constituição do movimento punk em Teresina/PI, sob a orientação do Prof. Dr. Edwar de Alencar castelo branco. Email: hectorramonehc@hotmail.com.

Para mais informações Cf. KEMP, Kenia. *Grupos de Estilo Jovens:* o "Rock Underground" e as práticas (contra) culturais dos grupos "punks" e "trashs" em São Paulo. 1993. 228 f. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 1993.

MORAES, E. O. "Deslocados, Desnecessários": o ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba 1990-2000). 2010. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós- graduação em História, Universidade Federal de Santa Catariana. Florianópolis-SC, 2010.p.17.

essa identidade constituída e ressignificada *ad infinitum* procura se diferenciar de outras identidades, pensadas dentro de ordenamentos sociais e simbólicos tradicionais, taxativos e previamente estabelecidos. Em suma, essa identidade é pensada de modo relacional, dentro de critérios sociais e simbólicos, para se diferenciar perante outras construções sobre si e o outro. Essa identidade relacional vem para problematizar critérios manipulados e manipuláveis sobre o que constitui o conceito de identidade no cotidiano:

A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades[...]O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais[...] É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são vividas nas relações sociais.<sup>3</sup>

Essa identidade *punk*, na ânsia de permanecer fraturada, percebe que dentro do contexto da cidade, os corpos se adequam ao mundo por uma experiência narcótica. Há um verdadeiro bombardeamento de imagens, sem questionamentos prévios sobre elas. O espaço urbano se torna um "lugar de passagem, medido pela facilidade com que nos dirigimos por ele ou nos afastamos dele"<sup>4</sup>, nos colocando distantes de relações sólidas com a paisagem e a consequente perda de referenciais políticos, sobre um lugar que é colocado como apenas de passagem. Essa construção de subjetividade que se propõe combativa, leva em consideração a alienação causada por signos dentro da sociedade capitalística e visa se manter constante na criação de novos modos de expressão, ressignificando sentidos e se diferenciando permanentemente, num processo conhecido como singularização:

Uma maneira de recusar a todos esses modos de encodificação preestabelecidos [pela sociedade capitalística], todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular.<sup>5</sup>

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.14.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> SENNETT, Richard. *Carne e pedra*: corpo e cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008. p. 16.

<sup>5</sup> GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.p.17.

A evolução dos sistemas de poder traz a falsa impressão de liberdade pelas grandes possibilidades de se transitar pelas cidades. Dessa falsa condição de liberdade oferecida pela arquitetura das cidades a nossos corpos interessa apenas o livre trânsito, em detrimento a uma lógica de multiplicidade dentro das experiências vivenciadas no cotidiano. Os corpos, ao serem domesticados e responderem a uma cultura de civilidade dentro de uma sociedade disciplinar, deve ser coagido para:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então, uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.<sup>6</sup>

De um corpo confinado a determinados espaços e alvo de constantes castigos para servir de exemplo, como no caso da era moderna, a coação passa a ser percebida em sociedades pós-estruturalistas, como uma "retórica corporal da honra", onde se entorcepece e se controla o sujeito a distância, por meio de espaços abertos, de fluxo intenso, no momento em que a mais profunda condição de liberdade parece ser apreciada. Os meios de comunicação, como a televisão, endossam por meio do consumo e da manipulação de desejos, aprofundando uma cultura de individualismo e indiferença. O *punk* como elemento de contestação, em síntese, se ressente a essa condição pelo esforço em demonstrar os espectros de dominação que nos cercam nessa "produção material da existência a manipulação psicológica de desejos e das necessidades". Esse ressentimento de intensidade gradual e variável revela uma experiência de hostilidade a sensação de impotência, perante a assepsia de pensamento em relação aos problemas do cotidiano. Esse ódio recalcado, permite a constituição de um elo, uma plataforma para rejeitar os símbolos de um sistema manipulador:

Esse ódio recalcado e depois manifestado cria uma solidariedade afetiva que extrapolando as rivalidades internas, permite a reconstituição de uma coesão, de uma forte identificação de cada um com seu grupo. Daí hoje em dia a facilidade com a qual indivíduos se reagrupam para gritar sua agressividade e inventar signos festivos que exprimam seu desejo

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, v. 10, 1987. p.133.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. 1987, p.130.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> GALLO, Ivone. *Por uma historiografia do Punk*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. p. 2176-2767, v. 41, 2010.

de vingança. Apedrejar os símbolos do inimigo, queimar personagens representados em efígies, etc<sup>9</sup>

Em suma, esse ressentimento é o resultado da diferença entre o que se espera e a interpretação sobre aquilo que se perde. Desse processo, fica evidente o ataque aos referenciais de um inimigo, o sistema e seu poder normatizador. Com a frase "Nós viemos para pintar de preto a Asa Branca, para atrasar o tem das onze, para pisar nas flores do Geraldo Vandré e para transformar Amélia em uma mulher qualquer" o ataque aos símbolos ressona potente.

Contra classificações resultam na restrição, no podar de modos de agir, em limites que definem um ordenamento social pela definição de poderes, sejam eles de acordo com aspectos etários, políticos ou culturais. A tensão pelo domínio de saberes e identidades, para definição de posições e hierarquias dentro do espaço público é prontamente combatido por *punks* em suas principais produções, os fanzines<sup>11</sup>. Essas pequenas produções, feitas artesanalmente para depois serem xerocados em algumas centenas de unidades, distribuídas ou vendidas, ligadas a uma gigantesca rede de correspondências, cuja circulação era mais evidente a pessoas direta ou indiretamente ligadas ao *punk*, são mídias que dão vazão a esse ressentimento contra uma sociedade adestradora, a raiva e ao ódio, que historicamente constituem as formas de expressão do *punk*. Esse ressentimento se volta a uma destruição do sistema, ornamentando o *punk* como um personagem sarcástico, munido de sua máscara de escárnio com a qual se procurava ofender, o máximo possível, os costumes, as instituições exploradoras, a burguesia e suas condições, bem como a degradação das relações pessoais. Esse ressentimento "encontrava na música, na escrita e nas aparições públicas as suas possibilidades de expressão" 12.

Dentro desses canais de expressão de ressentimento, o eixo do artigo foca na subjetividade evidente na escrita desses sujeitos. Caracterizamos o fanzine como uma produção de diagramação normalmente pobre, recheada de poesias, frases soltas, recortes

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimento.In: *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Stella Bresciani e Márcia Naxara (org.). Campinas. Editora da Unicamp, 2001. p. 22.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Cf. BOTINADA: a origem do Punk no Brasil; São Paulo, ST2 vídeo, 2006, 110 min.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> MAGALHÃES, Henrique. *O que é fanzine*? São Paulo: Brasiliense, 1993.

MORAES, E. O. A escrita punk como forma de subjetivação. In: VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2008, Vitória - ES. Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2008. p.2.

e desterritorializações de sentido, surrupiadas de jornais e revistas num processo de "ação direta espoliadora" <sup>13</sup>. Essas publicações são produzidas "sem direitos autorais e nenhuma chance de rentabilidade" <sup>14</sup> e se manifestam por críticas éticas e engajamentos ideológicos, em aversão as mais diferentes manifestações do poder nas sociedades contemporâneas. Essas mídias alternativas têm o objetivo de não apenas informar, mas de fazer da essência fraturada da vida e das escolhas que se faz sobre ela uma arma de luta, uma ameaça:

Devemos ter o *punk/anarcopunk* não como algo embutido, em caixinhas de sentido previamente estabelecido. A partir do momento em que o punk estiver limitado e caquético em seus modos de ser, sem dialogar com outras formas de apreensão do mundo, ou mesmo do submundo, jamais faremos do *punk* uma ameaça, uma arma de combate.<sup>15</sup>

Percebendo o fanzine como expressão de multifacetas a cerca dos modos de ser *punk*, será privilegiado o jogo escriturístico que visa "remeter uma realidade de que se distinguiu em vista de mudá-la"<sup>16</sup>. Foi através dessas formas de escrita que o *punk* pôde criar para si, lugares excepcionais que permitiram a esses elementos incidir sobre o meio e modificá-lo, conforme versa o trecho a seguir:

O laboratório da escritura tem como função 'estratégica': ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo.<sup>17</sup>

Para este trabalho, o fanzine emerge como um elemento catalisador de novos e constantes processos de construção de subjetividades. Eles expressam um ressentimento dentro de uma condição sentimental extrema a todas as dimensões de um famigerado sistema, questionando desde a dimensão do moral e do político e valorizando a mais singela indiferença perante os problemas evidentes no meio. Falam também de problemas

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Artistas diaspóricos, literatos desviados: fanzines, cultura ordinária e literatura menor. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (Orgs.). *Entre línguas*: movimento e mistura de saberes. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 61-75.

O'HARA, Craig. *A Filosofia do Punk:* mais do que barulho. Tradução, Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical livros, 2005. p. 66.

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> JARDIM ATÔMICO. n°2. Teresina. 2012.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 205.

<sup>17</sup> idem.

sociais, não como algo ligado a tradição, como sugere o narrador de "Walter Benjamin" 18. Trata-se de uma bagagem ligada "a atividades muito mais cotidianas e que remetiam ao presente e não a alguma tradição" 19. Essas experiências expostas no campo da escrita falam de como melhor problematizar o que era ser punk nas mais diversas instâncias da vida, desde as críticas microcósmicas sobre os modos de agir, atitudes, condutas, procedimentos elaborados e cosmopolitas para resistir as intempéries e controles silenciosos de um poder moderador. Essa escrita segue a linha mestra do que Michel Foucault revela como "escrita de si"20, uma escrita reveladora tanto para quem a emite quanto para quem a recebe, revelando a ambos a centelha da mudança. Essa revelação de si é fraturada e revela modos, métodos para se descrever condutas, reflexões deixadas em aberto, para que outro também possa dialogar e deixar suas considerações. Essa arte da existência motiva o sujeito a buscar "transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo"<sup>21</sup>. Ao endossar esse processo, oferecendo pela escrita, material para considerações, os *punks* tentam governar suas vidas e pensar sem o intermédio de instituições e normas estabelecidas.

Para resumir, o objetivo dessa reflexão, que se debruça sobre o jogo escriturístico e sobre o universo subjetivo do fanzine, visa apontar, dentro dessa cultura crítica de si, elementos que endossem esse ressentimento, percebido como algo que fala e auxilia no reconhecimento, na autocrítica dos indivíduos e no efervescer de suas práticas sociais. Esse ressentimento é pujante na reflexão e questionamento de valores sobre as condutas desses indivíduos no interior do *punk* e trazem uma noção de verdade relativizada em "pontos de singularização"<sup>22</sup>, em detrimento de um único modo de ser *punk*.

O combate, a frustração, a mágoa tem matriz, sobretudo na castração do aspecto subjetivo e singular do sujeito. São agenciamentos dos equipamentos coletivos de

BENJAMIN, Walter. O Narrador. *Obras escolhidas*: Magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 198-200.

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> MORAES, E. O, 2008. p.3.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si. In: \_\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos V*: ética, sexualidade e política. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> FOUCAULT, Michel. 2010.op.cit.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas*: Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

produção de subjetividade<sup>23</sup>, que colocam diversas identidades em modelos de referência previamente estabelecidos e retiram a força da luta que representa o punk contra o socialmente inaceitável e desigual. Esse ressentimento nasce das estratégias fomentadas pelo governo sobre a vida, nomeado por Foucault como "biopoder"<sup>24</sup>. Esses "dispositivos" discretos de controle, agem perscrutando nossas existências, à maneira como sentimos e agimos. Essa expressão de poder, que esquadrinha e forja um decoro corporal aos gestos mais banais do cotidiano oriundo de um "processo civilizador"<sup>26</sup>, é instaurada em nossa contemporaneidade para regular e destituir de sentido o caráter dinâmico produzido pelas identidades, convertendo-as assim, a padrões de subjetividades predeterminadas. O poder evolui na sociedade contemporânea ao ponto de não mais buscar recriminar e inibir a vida pela violência, mas se valer de estratégias silenciosas para dar novas atribuições às formas que se dá a própria existência, ao ponto de fazer as pessoas terem seus desejos cooptados pelo sistema. Em síntese, os punks se voltam em suas produções midiáticas e atitudes contra essas forças de modelagem e de identidade, que direta ou indiretamente afetam os sujeitos inseridos na sociedade. Temos na ótica desse campo social, a matriz desse ressentimento:

Dessa maneira, o campo social - através de seus elementos de competência, como por exemplo, a família e a própria linguagem - operam sobre os sujeitos de maneira a circunscreverem para o mesmo uma natureza individual, maquínica e modelada, sendo, nessas circunstâncias, o ressentimento produto de uma relação conflitiva, a qual pode operar em nível consciente ou inconsciente, entre sujeitos alvos de tais agenciamentos e as forças atuantes na modelagem de sua identidade social.<sup>27</sup>

Partindo para os elementos escriturísticos do fanzine, fica claro que há um rancor, uma rejeição a modelos dominantes de subjetividade. Esse rancor ao estabelecido retira desse sujeito as certezas mortificantes de diferenciais no ato de falar de si,

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup>. VALE JUNIOR, J. B. Desejo e ressentimento: matrizes afetivas da modelização da rebeldia dos atores sociais juvenis no século XX. In: GOMES FRANCO, Roberto Kennedy; VASCONCELOS, José Gerardo. (Org.). *Outras histórias do Piauí*. fortaleza: Edições UFC, 2009, v. 45, p. 31.

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. Revista Política & Trabalho, v. 24, 2006.

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> DELLEUZE, Gillles. *O que é um dispositivo?*. In: Espaço Michel Foucault. Disponível em: <a href="http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/">http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/</a>. Acessado em: 12/08/2014.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> ELIAS, Norbert. O processo civilizador: Uma História dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> VALE JUNIOR, J. B, op.cit, p.30.

denotando assim, uma insegurança sobre como esse indivíduo se percebe, deixando a condição de dúvida solta sobre o que produz no ato da escrita. Ao se constituir como alguém repleto de incertezas e consequentemente aberto a novas possibilidades, o emissor do fanzine convoca o leitor a questionar sua condição de receptor passivo de sentidos, *status* concebido em estatutos de uma sociedade cristalizadora de comportamentos. O exemplo abaixo evidencia essa tentativa de chacoalhar a postura do leitor sobre o que lhe é colocado no cotidiano:

Diz, aí: Qual foi a última vez que você foi ver um filme ou peça sem ter lido uma crítica, ou comprou um livro sem ter visto resenha ou ouvido a recomendação de alguém? Quantas vezes você foi ao restaurante da moda? Sobre quantas pessoas você formou uma opinião sem ser influenciado pelo que delas disseram seus amigos? [...]Em suma: Qual foi a ultima vez em que você pensou?(no sentido amplo da palavra, de inquirir, duvidar, filtrar e chegar as próprias conclusões sozinho.)<sup>28</sup>

O leitor se torna parte integrante ativa de um processo que vai além da interpretação do que é exprimido na escrita caótica do fanzine. Ele faz parte da construção dessa escrita. Essa tentativa de interação com o receptor da mensagem, em muitos casos, soa mais como um insulto, um deboche, do que como um convite propriamente dito. Essa ofensa dá forma ao ressentimento e à indiferença embutida no jogo escriturístico produzido na seara do *punk*:

Voltando ao inicio é ver que no fim das contas (rerere), Punk é só um clichê para quem questiona e que tem forte senso crítico em relação aos dogmas que costumam dizer o que é certo e errado na sociedade. Você não nasce punk, você não sai dizendo sou punk, você simplesmente vive, sem nomenclaturas, éticas e filosofias premeditadas. E viva a liberdade de expressão! Se não gostou, do que leu, foda-se, vai fazer tuas reflexões<sup>29</sup>.

A escrita dos fanzines é exposta como uma escrita sem o estabelecimento de um ponto final. Seus desdobramentos devem ser acoplados ou rejeitados de acordo com as condições em que são discutidos e consequentemente construídos. O autor, dentro dessa condição, que trás em seu bojo o ressentimento a cerca de uma castração silenciosa encabeçada por um poder cristalizador de sentidos, deve abdicar de seu seguro lugar de atuação e manter-se na sombra, rompendo assim com discursos ordenados e colocandose como parcial e inconcluso, convocando o leitor a repensar sua construção identitária.

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> AGNÓSTICO, n°3, Teresina, s/d.

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> JARDIM ATÔMICO. n°0. Teresina. 2012.

Tal processo faz dos modos de se pensar o *punk*, elementos de um debate que se propõe em concepções fraturadas, abertas e inacabadas. Esse jogo escriturístico destituído de conclusão se revela numa construção de identidades nômades e móveis. Dentro dessa onda de mágoa ao cristalizado, fica o exemplo da resistência a dominações etárias e concepções sociológicas, expandindo a noção do ser jovem. Quando é dito no fanzine que o "*Punk* não é movimento só para jovem, e sim inconformismo para todas as idades"<sup>30</sup>, revela uma imprecisão sobre o ser jovem, colocando em cheque as barreiras etárias e sociológicas, fazendo desse sujeito ativo dentro do jogo escriturístico dos fanzines *punks*, um jovem interminável. O trecho a seguir melhor delimita como se dá essa dilatação das noções sobre ser jovem:

Isto não deve ser entendido no sentido de que são eliminados, pelo contrário: no sentido de que os jovens não acabam. Que podem não se acabar. cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode perceber sua condição de jovem como não terminada e inclusive não terminável. Por isso, assiste-se a um conjunto de atitudes que caracterizam de modo absolutamente único a nossa era: as dilatações juvenis. O dilatar-se da autopercepção enquanto jovem sem limites de idade definidos objetivos, dissolve as barreiras tradicionais, tanto sociológicas como biológicas. Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam as identidades móveis e nômades. E nasce a antropologia da juventude.<sup>31</sup>

Assim, essa escrita da diversidade permite a escapatória por todos os lados, forjando, em outras palavras, "microrresistências e microliberdades com as quais, subrepticiamente, subvertem - ou procuram subverter - a racionalidade panóptica que regula a vida nas cidades"<sup>32</sup>. Essas linhas de fuga não catalogadas, não transformadas em produto na intensa rede de capturas de códigos de conduta, são desviantes "tanto do paradigma quanto daquele que desejariam sua destruição"<sup>33</sup>. Ela se permite enquanto mecanismo de burla, excêntrico por natureza, deixando assim, opções criativas para se levar a vida, a coragem para mostrar aversão aos enunciados fechados do capitalismo:

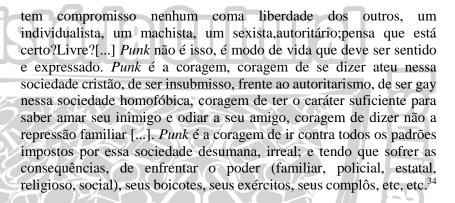
*Punk* nunca foi moda ou rótulo, porém sempre foi deturpado por pessoas que "aderem" ao ideal e ao modo de vida (se engajam por pura autoafirmação e falta de personalidade)[...]Mas não se liberta, pois não

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> JARDIM ATÔMICO. n°2, 2012.

<sup>31</sup> CANEVACCI, Massimo. Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.28-29.

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar, op.cit.

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> MORAES, E. O, 2008, p.6.



Esses ressentimentos trazem à tona o ódio e o inconformismo e são referenciais do que constitui esses processos de reflexão e transformação de si. A conjuração de um signo da destruição sobre um sistema falido e insensível as querelas de grande parte da população, circula em torno de possíveis desfechos subjetivos sobre a noção de transformação social pensada por esses elementos. Cabe ressaltar que essa destruição resultante de um ressentimento profundo as insalubres condições de vida impostas por ducados institucionais do poder na civilização é pensada dentro de retóricas que visam reaproveitar esses sentimentos de modo construtivo. Os ressentimentos são transformados de algo tido como intragável para um elemento que viabiliza o ativismo político. A descrição abaixo, sobre o modo de ser *punk*, resume essa ideia:

O "ser *punk*" (cabe o clichê) é a voz da mudança, dos fracassados e incompreendidos, o caminho para o recomeço. [...] O que há de errado em usar o ódio de maneira construtiva? Na música, no teatro, no fanzine? Não é crime ser pessimista. Não é crime não ter religião. Crime penso eu, é esse falso moralismo em que estão nossas lindas instituições falidas: as famílias. Porque essa suposta moral que vigora é apenas um holograma de perfeição e que não permite um espírito de ruptura com a disposição social em que vivemos e todos os dias sacrifica sonhos, se utilizando de boas intenções para fazer o mal. Então já que é assim, porque não fazer o mal com boas intenções? Não crio que sou um criminoso por ser um iconoclasta ou algum tipo de transgressor, seja de linguagem, comportamento, ou o que quer que seja sabe?<sup>35</sup>

O ressentimento e sua carga sentimental, de onde são extraídas sensações exclusas como o rancor e o ódio, é contido dentro de perspectivas que o colocam em transformação para algo construtivo, "uma subjetividade autônoma e equilibrada,



OS IMPREGNANTES ZINE. n°10. Curitiba. 1996.

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> JARDIM ATOMICO. n.0, 2012.

liberada de diversas sujeições que a coagem do exterior e de dentro"<sup>36</sup>. Esse exterior é apontado pelo modo cruel e nocivo em que é disposto o sistema, com desigualdades sociais e no controle singelo, evidente em um processo de apatia generalizada instigada pelas imagens bombardeadas por grandes corporações midiáticas. Essas imagens provocam um consumo do espetáculo, em que "mensagens televisivas, representadas prioritariamente pela publicidade, oferecem imagens à identificação, e enunciados que representam, para o espectador, indicações sobre o desejo do outro"<sup>37</sup>. Essa relação mediada pelas imagens "a qual o que aparece é bom; e o que é bom aparece"<sup>38</sup> é destacada nas produções *punks*:

Instigando imaginações, prazeres e desejos de realização em todos os sentidos, rótulos, fotos e diagramação, aliados a indicação de marcas, funcionam como uma estratégia das revistas para atrair mulheres ávidas por mudanças. [...] Conseguem, enfim, colocar quem consome os produtos delas anunciados em posição de *status*.<sup>39</sup>

Falam também do interior, pois os dispositivos de ação da sociedade de tradições deslizam das camadas do micro para o macrocosmo, convocando o sujeito a rezar em cartilhas previamente codificadas, mesmo que esse sujeito atue no ínfimo de sua constituição pessoal. Esses dispositivos codificam as subjetivações e as destitui de periculosidade em relação à ordem estabelecida.

Para fazer com que esse ressentimento se torne um elemento que atravesse a tessitura de um poder que se coloca como instransponível é importante que se faça um trabalho de cuidado sobre si, criando uma aura de singularidade sobre sua transformação. Nesse exercício são observados "esquemas que o indivíduo encontra na sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos e impostos pela sua cultura, sociedade e seu grupo social"<sup>40</sup>, no intuito de se manter inovador por estar aberto a novas possibilidades. O trecho abaixo sugere esse sentido ao convocar o leitor a escapar do clichê *punk*:

Cara, vivo pensando sobre isso. No fim das contas talvez não passe de um rótulo idiota de xiitas que parecem ser jurados de algum show business, por dizeram oh, aquilo é punk, aquilo não é... Segregações,

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> MORAES, E. O, 2008, p.7.

<sup>37</sup> KEHL, Maria Rita. Videologias: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

<sup>38</sup> idem.

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> AGNÓSTICO, s/d.

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> FOUCAULT apud. ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto*: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. p. 19.

rótulos, são merdas que as tradições impõem para mais na frente assimilar até subprodutos intragáveis como o ódio.<sup>41</sup>

Cabe a ressalva de que esses escritos também denunciam os fascismos nas instâncias do micro, nos olhares reorientados as primícias do cotidiano, nas posturas autoritárias e na convivência com o outro. A crítica pensada nesse caso se centra em grupos com propostas fechadas em relação a modos de se comportar e formas de pensar, segregando aquele que não se adequa a essas condições uniformes. Esses grupos insatisfeitos com a perca de referenciais esclarecidos sobre a causa terminam vivenciando o *punk* como algo semelhante a seguridade proposta pela ordem familiar, e em consequência, esquecem o teor ativista e inadaptável dessa identidade que se propõe em aberto no seu campo de sociabilidades. O trecho a seguir remonta o melindre contra quem os impede de atuar em potência máxima:

Jamais devemos negociar com quem nos anula. Devemos fazer com que nossas ideias explodam diretamente no rosto das pessoas fazendo-as reconhecer que os problemas estão aí e nos empurrando cada vez mais fundo. Devemos nos mexer, tomar partido e reconhecer a própria essência como uma guerra!<sup>42</sup>

Para esclarecer, os grupos *punks* que desejavam se constituir de modo particular, assumir a frente segregando aqueles que não pensavam e agiam de forma semelhante a seus códigos de postura eram alvos de críticas incansáveis. Por mais *undergrounds*<sup>43</sup> que esses grupos quisessem ser, ao ponto de se assemelharem a clubes, era importante dizer aos outros que estavam fora do *punk* que é possível pensar a vida para além da aceitação sem hesitação de dogmas reguladores. Não se trata de impor um perfil de consciência para se revolucionar atitudes, mas mostrar outras vias de acesso ao que é dado como uno dentro das sociedades contemporâneas. Essas críticas sobre si constituídas nessas práticas de escrita, não demonstra um desejo manipulador de "renunciar ao mundo e aos outros, mas de modular de outro modo esta relação com os outros pelo cuidado de si"<sup>44</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> JARDIM ATÔMICO. n°0, 2012.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> JARDIM ATÔMICO ZINE. n°2, 2012.p.3

<sup>43</sup> Underground seria o termo que designa o espaço não cooptado ou não coberto pela grande mídia dos canais de televisão, jornais, revistas. Nele circula uma produção artística mais comprometida com a arte do que com o comércio.

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; NETO, Alfredo Veiga (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autentica. 2006, p. 132

O tema do ódio e do rancor também surge com recorrência na música *punk*, como forma de mostrar de modo cru a realidade, experienciando a mesma como algo sem espaço para fantasia e ilusão sobre os sentidos dados ao que se vive, seja dentro de imbricações políticas ou falando a respeito de usos dados ao espaço público. Esse ressentimento a uma política repleta de canalhas corruptos, a um espaço urbano de miséria, degradação pessoal e hipocrisia não se constitui em um sentimento esporádico. Resulta de uma profunda "experiência renovada de impotente hostilidade" e revela-se tanto na música como no jogo escriturístico dos fanzines, um território existencial a manter esses indivíduos atentos a manipulação silenciosa dos desejos por parte da sociedade de consumo. A letra a seguir acentua o combate à apatia e à hipocrisia na contemporaneidade:

Seu castelo de cartas/ seu mundo de brinquedo/ Que você construiu/ pra se esconder do medo/ Risos amarelos, inveja e falsidade ao seu redor/ Doeu demais crescer em meio a tanta hipocrisia/ Sustentar seu luxo e toda a fantasia/ pra onde você vai correr quando a realidade alcançar tudo ao seu redor?/A casa vai cair e sua cara na sarjeta/ só vai servir pra todos rirem demais essa tua treta/ Pílulas, remorso e solidão ao seu redor.<sup>46</sup>

As formas de expressão dadas ao fanzine pelos *punks* construíram, no decorrer de nossa contemporaneidade, em concepções culturais que visavam à análise cuidadosa e a crítica de si e dos modos com os quais tencionam, objetivando interferir de maneira ampla na vida política da sociedade. Sua fundamentação valoriza o caos e a contradição, no decorrer de cada testemunho. Várias existências desses indivíduos emergem do papel, evidenciando suas éticas e sentimentos. São constituídas resistências em um jogo escriturístico de um ressentimento a códigos de conduta castradores, que se constituem nas miudezas dos fascismos do cotidiano aos eficientes dispositivos de cristalização de subjetividades. Suas práticas e construções identitárias são colocadas em cheque, questionadas no intuito de extrair o mais criativo, o aspecto mais próximo da autenticidade na relação que se tem consigo mesmo e com o outro.

Revisando suas visões políticas, apoiando ou reprovando as posturas dos mais diferentes grupos, recortando e colando imagens para conferir-lhes um significado

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> ANSARTI, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stela; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e Ressentimento*: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001. apud VALE JUNIOR, J. B, 2009, p.31.

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> KÁFILA. *Playground*. Teresina: super oil records, p2004. 1CD.

distante do projetado pelas mídias convencionais, essas pessoas sob esse conjunto de signos deram novos significados a suas vidas, intervindo como uma alternativa ao bombardeio unilateral de sentidos oferecido pelos meios de comunicação do *mainstream*, contrariando a seu modo, ainda que na potência e duração de um gesto esse poder que convence como insubstituível e onipresente. Ressentidos sobre esses condicionamentos dados pelo *status quo*, os *punks* elevam o fanzine a extrema "expressão de uma negação"<sup>47</sup>, fazendo de suas existências o reduto do excêntrico, um campo da batalha constante.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimento. In: *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Stella Bresciani e Márcia Naxara (org.). Campinas. Editora da Unicamp, 2001. p.22.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Obras escolhidas*: Magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 198-200.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In:\_\_\_\_\_. Questões de sociologia. Rio de janeiro: Marco Zero, 1983.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas extremas:* mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.28-29.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Artistas diaspóricos, literatos desviados*: fanzines, cultura ordinária e literatura menor. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (Orgs.). *Entre línguas*: movimento e mistura de saberes. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 61-75.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DELLEUZE, Gilles. *O que é um dispositivo?*. In: Espaço Michel Foucault. Disponível em: http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/. Acessado em 12/08/2014.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador:* Uma História dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*: Ditos & escritos. v. 5. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar, op. cit.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, v. 10, 1987. p.130 - 133.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; NETO, Alfredo Veiga (orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autentica. 2006, p. 132

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.p.17.

GALLO, Ivone. *Por uma historiografia do Punk*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. p. 2176-2767, v. 41, 2010.

WOODWARD, Kathryn Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença:* A perspectiva dos estudos culturais. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.14.

KEMP, Kenia. *Grupos de Estilo Jovens:* o "Rock Underground" e as práticas (contra) culturais dos grupos "punks" e "trashs" em São Paulo. 1993. 228 f. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1993.

KEHL, Maria Rita. *Videologias:* ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MAGALHÃES, Henrique. O que é fanzine. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MORAES, E. O. "Deslocados, Desnecessários": o ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba 1990-2000). 2010. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catariana. Florianópolis-SC, 2010.p.17.

\_\_\_\_\_. A escrita punk como forma de subjetivação. In: VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2008, Vitória - ES. Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2008. p.2.

O'HARA, Craig. *A Filosofia do Punk:* mais do que barulho. Tradução, Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical livros, 2005.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto*: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. p. 19.

RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. *O conceito de biopoder hoje*. Revista Política & Trabalho, v. 24, 2006.

SENNETT, Richard. Carne e pedra: corpo e cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008. p. 16.

VALE JUNIOR, J. B. Desejo e ressentimento: matrizes afetivas da modelização da rebeldia dos atores sociais juvenis no século XX. In: GOMES FRANCO, Roberto Kennedy; VASCONCELOS, José Gerardo. (Org.). *Outras histórias do Piauí*. fortaleza: Edições UFC, 2009, v. 45, p. 29.

FANZINES LISTOFIA GUILLIA

AGNÓSTICO. n°3. Teresina. s/d.

JARDIM ATÔMICO. n°0. Teresina. 2012.

JARDIM ATÔMICO. n°2. Teresina. 2012.

OS IMPREGNANTES ZINE. n°10. Curitiba. 1996.

FONTES SONORAS

KÁFILA. Playground. Teresina: super oil records, p2004. 1CD.

